

Entrevista

Diana Margarita Abello Camacho é uma psicóloga e educadora colombiana com ampla formação acadêmica e experiência profissional. Obteve seu título de psicóloga na Universidade Santo Tomás de Aquino, em Bogotá, e possui uma especialização em Pedagogia e um mestrado em Educação pela Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia. Em 2020, completou seu doutorado em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid, com a tese intitulada “Entorno instruccional, autorregulação e motivação na Educação Superior”. Atualmente, Diana é professora na Universidade Pedagógica Nacional, onde ensina na Licenciatura em Educação com Ênfase em Educação Especial, focada em talentos e capacidades excepcionais. Ela também atua como coordenadora do Projeto Manos y Pensamiento, dedicado à inclusão de pessoas surdas no contexto educacional. Além de suas atividades acadêmicas e de pesquisa, é membro do Grupo de Estilos Cognitivos, dedicado ao estudo dos estilos cognitivos e sua relação com a aprendizagem e o contexto educacional. Diana Abello compartilha sua experiência trabalhando com pessoas surdas, particularmente no ensino superior. Começou neste campo por seu interesse na parte cognitiva da educação, mas seu encontro direto com a comunidade surda ocorreu em 2017, quando começou a trabalhar na universidade.

Maria Carmen Euler Torres foi professora do Ensino Básico por 20 anos e é psicóloga e professora de Psicologia da Educação no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (1998), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2002) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Atualmente, é professora de Psicologia e Educação e Concepções sobre a infância no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES). Lidera o grupo de pesquisa “Criança surda: cultura e linguagem”, com a linha de pesquisa: A importância do jogo no desenvolvimento da criança surda. Também é coordenadora do grupo de extensão: Legendas e acessibilidade, do DESU/INES e encontra-se realizando seu estudo pós-doutoral com a pesquisa sobre a brincadeira como linguagem primordial da criança surda.

Manos y pensamiento: experiência colombiana na educação superior de surdos

Prof.^a Maria Carmen Torres: Como você começou sua trajetória com os surdos?



Prof.^a Diana Abello: Sou psicóloga e comecei a trabalhar na área de educação. Meu interesse é muito na parte cognitiva. E por isso terminei trabalhando na Universidade Pedagógica. A Universidade Pedagógica é uma universidade única, apenas forma professores em 20 áreas diferentes, mas sempre professores. Lá, fiz a especialização em Pedagogia. Comecei a fazer o mestrado em Educação e inicialmente trabalhei com a Licenciatura em Educação Especial, com uma população de talentos e capacidades excepcionais. Essa era a minha linha de trabalho, a área de especialização onde eu trabalhava. Na minha vida, nunca tinha visto uma pessoa surda. A primeira pessoa surda que conheci realmente foi quando entrei para trabalhar na Universidade Pedagógica em 2017. E acredito que, como a maioria dos ouvintes, vi a língua de sinais e pensei: Eu quero aprender... Fiquei duas aulas apenas, porque percebi que é muito difícil! Passaram-se alguns anos até que, no projeto Manos y Pensamiento, me convidaram para dar uma aula para estudantes surdos. É importante dizer que a universidade tem um semestre chamado semestre zero.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Semestre zero...? O que é isso?

Prof.^a Diana Abello: O semestre zero é um semestre de adaptação à vida universitária. Então, no caso da universidade, os estudantes surdos não entram diretamente em um curso. Eles precisam passar pelo semestre zero, que é um semestre exclusivo para estudantes surdos. E neste semestre, eles devem passar por cinco matérias. São elas: fortalecimento da Língua de Sinais, espanhol lecto-escrito, introdução à pedagogia, orientação vocacional e a matéria que comecei a dar, que era desenvolvimento do pensamento lógico em ambiente informático.

Prof.^a Maria Carmen Torres: E como eles chegam nesse semestre zero? Existe alguma prova?

Prof.^a Diana Abello: Eles devem se inscrever neste semestre zero e normalmente fazemos um processo de seleção. Nem todos passam. Fazemos duas provas, uma de espanhol e uma de língua de sinais no nível acadêmico universitário. Eu diria que cerca de 20% dos que se apresentam não passam.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Por causa da língua espanhola?

Prof.^a Diana Abello: Realmente mais por causa da língua de sinais. Com o espanhol, somos um pouco mais flexíveis. Mas todo o programa, todo o processo que temos na Universidade Pedagógica, é pensado para estudantes surdos sinalizantes. Então, se você não tem língua de sinais, nada do que estou oferecendo aqui funciona. Eles vêm com níveis de língua de sinais muito baixos, o que serve

para interação, mas não para a língua acadêmica. Níveis de atenção muito baixos. Por exemplo, ver um vídeo em língua de sinais. Eles não sabem, se cansam. Mas a prova de língua de sinais, especificamente, é um vídeo com uma narração acadêmica sobre um tema simples, e sobre isso precisamos conversar. Às vezes, percebemos que não há compreensão do vídeo, o que é algo básico. E não é o mesmo entender a língua de sinais com o interlocutor à sua frente.

Prof.^a Maria Carmen Torres: É mais fácil, como em uma conversa...

Prof.^a Diana Abello: Sim, eu posso ajustar, mas quando vejo em vídeo preciso fazer uma série de ajustes. Então, a maioria realmente não passa por isso. Além disso, agora estamos recebendo muitos jovens com deficiência intelectual associada.

Prof.^a Maria Carmen Torres: O espanhol também é um problema...

Prof.^a Diana Abello: Sim, no nosso caso, os jovens que chegam têm um espanhol ruim, mas precisam tê-lo, né? Digamos que podem cometer erros de sintaxe, mas precisam escrever um texto curto. Essa é uma prova que fazemos. Temos uma prova de múltipla escolha para compreensão e leitura. Essa prova tem duas partes: uma parte que é atribuída e eu produzo em espanhol, e outra parte de compreensão escrita. Digamos que, em termos de dados, os níveis de espanhol que tinham há 20 anos eram melhores.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Parece um fenômeno mundial.

Prof.^a Diana Abello: Sim, é bastante preocupante, muito preocupante. E o nível de língua de sinais é realmente muito baixo. Acho que isso se deve a um fenômeno com o qual temos trabalhado, com o INSOR. É que se tem interpretado mal o conceito de inclusão. Inclusão não significa que o surdo esteja com os ouvintes, mas que a proposta bilíngue e bicultural em termos de inclusão é dar a cada um o que cada um precisa. E isso significa, para a pessoa surda, poder compartilhar com pares linguísticos para construir a língua. Então, sabemos que uma primeira língua forte me dá uma segunda língua forte.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas isso precisa ser feito no ensino básico, porque quando chegam à faculdade, não dá para fazer essa compensação.

Prof.^a Diana Abello: Já é tarde demais ou não dá para fazer muita coisa. Agora, por exemplo, eu tenho um aluno de mestrado e doutorado que trabalha na escola Isabel Segunda, que é uma das escolas com estudantes surdos. Eles têm atualmente 65 estudantes surdos lá e ele é ouvinte, é professor bilíngue, foi nos-

so intérprete aqui, é licenciado em Educação Infantil e Psicopedagogia. É justamente o que estamos fazendo com ele é contribuir um pouco para a criação do currículo para a formação em língua de sinais.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Para o Ensino Básico.

Prof.^a Diana Abello: Sim, mas o que temos é muito incipiente, ou seja, o que os estudantes recebem de língua de sinais. Mas eles não aprendem as características da sua própria língua. Esse é o maior problema que temos, porque na hora de fazer a transferência, não há conhecimento da língua, é meramente pragmático. (...) Eu me interessou em que meu aluno seja capaz de me fazer um discurso organizado em língua de sinais. Se não, não me interessa agora o espanhol.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Quais são os cursos da universidade?

Prof.^a Diana Abello: Neste semestre, por exemplo, entraram: Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Educação Infantil, Licenciatura em Educação Especial, Licenciatura em Design Tecnológico.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas isso já é o projeto Manos y Pensamiento.

Prof.^a Diana Abello: Sim, eles já entram nos cursos regulares.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Regulares, junto com os ouvintes.

Prof.^a Diana Abello: Junto com os ouvintes, fazemos acompanhamento.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas há intérprete de Língua de Sinais com os estudantes, certo?

Prof.^a Diana Abello: Sim, fornecemos, como universidade, através do projeto, serviço de Interpretação. Então, eu coordeno o projeto e sou responsável por todos os intérpretes da universidade neste momento. Para te dar dados, temos 56 docentes surdos formados em 14 licenciaturas diferentes. Neste momento, temos 27 estudantes surdos na universidade, distribuídos em nove cursos diferentes. A maioria está em Educação Física. Depois vem Educação Infantil. Depois Educação Especial, e depois em Licenciatura em Artes Visuais, Design Tecnológico, Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Artes Cênicas. Esses são os cursos onde nossos estudantes estão.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Outras universidades na Colômbia recebem surdos?

Prof.^a Diana Abello: Somos a única universidade que oferece 100% de serviço

de interpretação para os estudantes surdos.

Prof.^a Maria Carmen Torres: E como é a relação da Universidade Pedagógica e seu projeto *Manos y Pensamiento* com o INSOR? Porque o INSOR não tem educação, não tem escola, eles só trabalham com produção de materiais didáticos e com assessoria técnica, certo?

Prof.^a Diana Abello: Eles fornecem assessoria técnica. Realmente, a quem? Para as escolas.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas qual é a relação com a universidade? INSOR e a universidade?

Prof.^a Diana Abello: O INSOR é o Instituto Nacional para Surdos, que antes tinha escola e agora é apenas um órgão consultivo. Então, eles nos orientam sobre todos os processos da política pública. Sim, toda a política pública está com eles.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Entendo...

Prof.^a Diana Abello: Fomos a universidade que começou e fomos o exemplo que eles seguiram. Sim, para poder montar os outros processos de inclusão no ensino superior. (...) Digamos que a norma é do INSOR, e nós a estamos construindo na prática. (...). Eu assumi esse projeto há três anos, porque antes havia outra diretora. Mas desde que eu assumi, meu trabalho tem sido gerar relações interinstitucionais, porque é disso que vivemos e nos construímos, e temos construído pontes com o INSOR muito fortes.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Eles, do INSOR, estão fazendo uma assessoria para as escolas que atendem surdos, então eles têm todos os dados...

Prof.^a Diana Abello: Então, existem estatísticas que não temos, porque é o INSOR quem deve fazer isso. Tecnicamente, é com eles que isso deve ser feito. E são eles que devem nos fornecer as estatísticas. (...) Eles devem, teoricamente, regular os processos de interpretação. (...) Sobre os intérpretes da Universidade Pedagógica, eles têm um contrato de prestação de serviços e são contratados por hora, alguns por 40 horas semanais, 30 horas semanais ou 25 horas semanais. 40 horas seria tempo integral e 25 horas seria meio período.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Quais são os requisitos para serem intérpretes da universidade?

Prof.^a Diana Abello: Os intérpretes precisam ter treinamento universitário, e

além disso, são certificados para uma série de competências para atender a todas as necessidades do projeto. Eles também fazem parte de uma equipe de apoio que compõe o projeto Manos y Pensamiento.(...)

Prof.^a Maria Carmen Torres: Como garantir a qualidade da interpretação na graduação quando os intérpretes que não conhecem os conteúdos das disciplinas?

Prof.^a Diana Abello: É um problema porque, em teoria, não deveria ter um intérprete de ensino secundário trabalhando na graduação. Esta é a realidade que temos. A maioria dos intérpretes vêm de igrejas, a maioria são Testemunhas de Jeová ou filhos de pais surdos. Tecnicamente, nós não formamos intérpretes, mas sim preparamos intérpretes. (...) Temos três níveis de língua de sinais e eu posso optar por fazer o 4º nível e fazer técnicas de interpretação 1 e técnicas de interpretação 2. Existem quatro níveis de língua de sinais que podem ser feitos como matérias eletivas. Também temos no momento monitorias, que são oferecidas aos estudantes como monitorias de tipo acadêmico. (...) Temos um “semeadouro” de língua de sinais, que está aberto a toda a comunidade ouvinte. Tentamos envolver os surdos. (...) No ano passado, por exemplo, foi enviado o primeiro projeto em que um professor surdo foi coinvestigador. Então, já temos professores surdos como coinvestigadores. Este ano também temos um projeto com uma professora surda como pesquisadora.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas há professores surdos na faculdade?

Prof.^a Diana Abello: Temos quatro professores surdos na faculdade, três são de tempo integral, ou seja, têm trabalho acadêmico e administrativo. Dois deles, neste momento, têm aulas com ouvintes que não têm nada a ver com língua de sinais. Uma delas está lecionando uma disciplina de educação especial sobre surdos, que se chama “subjetividades, contextos e educação de pessoas surdas”, que é onde se ensina quem é a pessoa surda. O outro leciona uma matéria de educação, jogo e movimento. E a outra professora está vinculada à Licenciatura em Educação Infantil, porque ela é educadora infantil. Por exemplo, ela vai dar aula de língua de sinais para as crianças da escola que é o jardim de infância da universidade, onde vão os filhos dos estudantes e professores.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Então há uma escola de educação infantil dentro da universidade para a comunidade?

Prof.^a Diana Abello: Sim, há. Mas, neste momento, não há crianças surdas.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Uma última pergunta. O que fazem com os estudantes que têm dificuldades com a língua espanhola para escrever, pois 20% dos alunos do semestre zero não entram por causa da língua de sinais? E quanto à língua espanhola?

Prof.^a Diana Abello: No semestre zero, mais ou menos 60% passam, e os outros 40% ficam para trás. E aí sim, os que ficam, ficam por causa do espanhol. Primeiro, os estudantes surdos têm que cursar obrigatoriamente dez disciplinas ao longo da graduação, quatro níveis de reforço de língua de sinais. Então, trabalha-se basicamente quatro semestres de espanhol leitura-escrita para surdos - quatro níveis que se alternam. Um semestre é reforço de língua de sinais, o outro é espanhol, e assim por diante. E mais dois níveis de pedagogia para surdos. Tudo relacionado aos modelos de atendimento para surdos. História das pessoas surdas. Essas dez matérias são ministradas pelos professores de “Manos y Pensamiento”, são exclusivas para os alunos surdos e têm a intenção de fortalecer suas duas línguas, a intenção de que todos os semestres tenhamos uma aula onde possamos acolher todos os alunos, ver como estão e saber o que fazem.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Um encontro semanal com eles?

Prof.^a Diana Abello: Um encontro semanal onde conversamos. (...) Estamos trabalhando um modelo de formação por tarefas. Digamos que partimos de uma premissa, e é que não somos uma escola de língua. Eles não vêm aprender espanhol. Então, isso é educação superior. Não me interessa que se apresentem, que falem de si, mas, eu preciso que escrevam uma redação, que façam uma tabela comparativa. Estamos trabalhando com enfoque por tarefas. Então, há uma tarefa grande geradora no semestre que eles têm que fazer e essa tarefa está vinculada por semestres de acordo com as necessidades das licenciaturas. Por exemplo, trabalhamos com redação, tabela comparativa, diário de campo, planejamento pedagógico. Estamos focados nas tarefas que eles têm que fazer para organizar processos. E, no ano passado, também mudamos porque antes quem trabalhava com eles era uma pessoa ouvinte. Agora, está entrando uma pessoa surda. Ambas as aulas de língua são trabalhadas de forma colegiada, um surdo e um ouvinte.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Em língua de sinais e língua espanhola...

Prof.^a Diana Abello: Em língua de sinais, sobretudo, porque não têm domínio da língua em termos de todos os seus componentes. Essa é a realidade que temos com as pessoas surdas. (...) Neste momento, temos seis grupos de língua de sinais, a matéria eletiva mais requisitada de toda a universidade, língua de sinais.

Então, os professores entram em pares. Neste momento, digamos que você tem duas horas como ouvinte, duas horas como surdo. Mas a ideia é que entrem de forma colegiada. Por que entram em pares? Porque partimos da premissa de que a pessoa surda profunda não pensa em espanhol. (...) Então, se não tenho um reconhecimento fonético da língua, não vou conseguir passar para o próximo nível. Nesse caso, o que basicamente está fazendo a pessoa surda é um processo constante de decodificação e codificação, que é o nível básico que temos de entrada para a escrita e leitura. Uma pessoa surda lê e escreve como uma criança entre sete e dez anos. E não é porque sejam incapazes nem porque seu nível cognitivo não seja suficiente, mas porque o precursor necessário para poder passar da decodificação e alcançar um processo de automação para compreender está bloqueado porque se requer a parte auditiva. (...)

Prof.^a Maria Carmen Torres: O mais importante é saber quais são as ferramentas cognitivas para aprender espanhol, certo?

Prof.^a Diana Abello: Sim. Tenho um grupo de alunos de graduação montando seu trabalho de conclusão de curso, que é identificar quais são as estratégias cognitivas e as ferramentas que os estudantes surdos utilizam para produzir textos acadêmicos. Vamos ser honestos, eu não tenho ideia. Eu quero saber, eu também quero saber. A presunção que temos na maioria dos casos é que eles têm alguém em casa que os ajuda com o trabalho. Mas quando o surdo realmente se vê diante de escrever, ele tem esse desafio. Ele precisa passar por um processo metacognitivo para estar consciente de como escreve. (...) Como aprendem, quais são as ferramentas cognitivas, as estratégias... A minha loucura é entender o surdo, como ele entende, como ele pensa, como ele dá significado. Eu quero saber como ele sonha... Bem, e para responder sua pergunta sobre o espanhol, a nossa norma reconhece a língua de sinais como a primeira língua. Sim, mas isso não significa que ele não precise escrever.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Alguns dizem que não precisam escrever porque a língua de sinais é a L1...

Prof.^a Diana Abello: Essa tem sido a disputa, e acho que é a razão pela qual tem sido tão difícil que eles realmente melhorem seus processos de escrita.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Mas no mundo, eles precisam dessas ferramentas de escrita, de saber escrever para estar no mundo.

Prof.^a Diana Abello: O dia em que existir a “surdolândia”, sim, eles podem ficar sem escrever. O grande problema que eles têm tido no trabalho é o fato de não es-

creverem com fluência e nossa educação é muito mediada por relatórios, registros, planejamento, e eles precisam fazer isso, precisam e não eles não tem como fazer isso em língua de sinais. (...) Então, é aí que colocamos o foco em que você seja capaz de estruturar seu pensamento de forma articulada, para colocá-lo em ordem. Para nós, o texto visual que está contemplado é o homólogo ao texto escrito, o texto visual, que pode ser um vídeo com certas características que temos normatizado. Você, como aluno, não pode me entregar um trabalho feito na praia, né? Então, o texto visual, assim como você me entrega uma folha com fundo branco, deve ser bem estruturado. Bem, você me entrega em língua de sinais. E se eu não entendo a língua de sinais, o que faço? Então, é por isso que eles têm o apoio do intérprete, e a preocupação com essa escrita e aí está a grande disputa para nós.

Prof.^a Maria Carmen Torres: Sim, acho que essa discussão é longa... Poderíamos falar mais, mas acho que é tudo por hoje. Muito obrigada pela entrevista.

Prof.^a Diana Abello: Eu que agradeço.

Até a Arqueiro 48!

Encerramos esta página, mas não a caminhada!

Ao final desta edição da Revista Arqueiro nº47, celebramos as muitas mãos, trajetórias e ideias que compuseram este mosaico de saberes em movimento. Cada colaboração registrada aqui revela a força de sujeitos que constroem, diariamente, espaços de educação mais inclusivos, visuais, acessíveis e comprometidos com a diversidade humana.

Este número se dedicou a apontar caminhos, propor diálogos e reunir experiências que traduzem a potência da Educação de Jovens e Adultos Surdos. Linguagens, encontros e práticas se entrelaçaram em páginas que não apenas informam, mas iluminam possibilidades e provocam reflexões.

Se você chegou até aqui, saiba que sua presença dá sentido à existência desta publicação. Que esta leitura tenha ressoado em sua mente, tocado suas ideias, despertado novos olhares e, quem sabe, inspirado ações que ainda virão.

A Arqueiro se despede, por ora, com a certeza de que conhecimento acessível e respeito às diferenças são pilares para uma educação verdadeiramente transformadora. Sigamos juntos, aprendendo, compartilhando e imaginando futuros!

Comissão Executiva da Revista Arqueiro:

Aline Xavier, Felipe Gonçalves Figueira, Luciane Cruz Silveira, Raquel Batista dos Santos,
Ronaldo Gonçalves de Oliveira